

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

*** * ***

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Wacław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racięska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

*** * ***

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowiak: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Morais: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribeyre: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Mário J. Aires dos Reis
Instituto Camões, Lisboa

O tópico do *tempus fugit* em *Em Nome da Terra* de Vergílio Ferreira

Resumo:

O tópico do *tempus fugit* no romance *Em Nome da Terra* de Vergílio Ferreira constitui o objecto deste estudo. Trata-se de uma proposta de leitura que demonstra, nos movimentos que perfazem a obra, a presença de um mito primordial, Crono, que emerge como corpo humano e este como tempo. Sustenta-se ainda que, na operação verbal que configura esse fluxo, a morte do corpo ecoa, centrando em si toda a tensão de energia libidinal e psíquica. O *corpus*, dialogando embora com o tempo fugidio (o *tempus fugit*), torna-se, assim, índice da morte e mapa desse acontecer.

Palavras-chave: Crono, *tempus fugit*, concretização, corpo, morte.

Abstract:

The topic of *tempus fugit* in Vergílio Ferreira's *Em nome da terra*

The objective of this essay is to examine the concept of *tempus fugit* in the novel *Em Nome da Terra* written by Virgil Ferreira. It is a profound reading and analysis that shows the different types of movement that constitute this literary work, the presence of Crono, a primordial myth which emerges as human body and its relationship with time. It is also demonstrated that the verbal operation which shapes this movement, echoes the death

of the body, thereby focusing on itself all the tension of psychic and libidinal energy. The *corpus* in dialogue with time turns to a symbol of death and a representation of this reality.

Keywords: Crono, *tempus fugit*, concretization, human body, death.

Na densa floresta de dissertações sobre *Em Nome da Terra* de Vergílio Ferreira (1990), o código temporal foi assumido por críticos de diferentes gerações como baliza de referência para os respectivos gestos críticos. Trata-se da cristalização de uma certa estratégia de abordagem que instala directrizes de ordem metodológica do tipo “sempre que se lê *Em Nome da Terra*, leia-se o tempo”.

O paradigma, no entanto, vem de longe, mas não sofreu grandes remodelações no tempo. Podemos começar por vê-lo em Jacinto do Prado Coelho, que, em 1976, no ensaio intitulado *Vergílio Ferreira – um estilo de narrativa à beira do intemporal*¹, introduz o tempo como valioso e quase exclusivo operador hermenêutico na leitura crítica de Vergílio Ferreira; vê-lo retomado por Helder Godinho em 1985, no seu *O Mito e o Estilo* (1982), onde reconhece que a prosa poética de V. Ferreira tem a ver com o jogo tenso da temporalidade e do presente intemporal, uma vez que quer a prosa poética quer esse jogo são manifestações do núcleo mitoestilístico de Ferreira e da demanda da superação de um quotidiano objectivo, com vista a deixá-lo penetrar por dimensões que o desagregam e superem, rumo ao sentido. Por seu turno, Maria Alzira Seixo, em 1986, defenderia, convincentemente, que em Vergílio Ferreira o tempo é visto pelo próprio como “tempo de pesquisa” (Seixo, 1986).

O mesmo paradigma será ainda recordado por Fernanda Irene Fonseca, que, seis anos mais tarde, proporia, em *Vergílio Ferreira: A Celebração da Palavra* (1992), uma leitura da obra vergiliana “como pesquisa poético-filosófica sobre a linguagem”. A formulação de Irene Fonseca é, de várias maneiras, mais do mesmo, na medida em que avoca claramente que a cogitação filosófica sobre o tempo imprime consis-

¹ Apud *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Bertrand.

tência ao “tema central”. Aliás, para Irene Fonseca, o núcleo heurístico por excelência passaria a ser, assim, o tempo, lugar onde a pesquisa da “Palavra” e a pesquisa da condição humana se confundem.

O que é entretanto curioso em todo este movimento é a ressaca dessa tese não ter provocado nos seus herdeiros um despejo do problema do modo de ler Vergílio Ferreira, até porque merecera por parte de Rosa Goulart, em Tese de Doutorado, um tratamento competente e exaustivo (1990).

Entretanto, se é certo que a tendência da leitura crítica de *Em Nome da Terra* radica no entrecruzar todo o exercício hermenêutico, todas as novidades temáticas, com o respeito devido ao “tempo”, isso não implica necessariamente que essa sua dimensão seja pacífica. Daí possivelmente a sua inesgotabilidade. Com efeito, ou bem se estuda o tempo, procurando responder à especificação estrutural que lhe é próprio, enquanto fenómeno associado a movimentos estéticos e filosóficos, o que leva a leitura resvalar, legitimamente ou não, para esses domínios, ou, então, o tempo é abordado como categoria semiótico-narrativa com uma margem definitiva de tão vasto alcance que suscita interrogações sobre a sua total apreensibilidade e aceitabilidade.

De qualquer modo, quanto tão diversas leituras críticas inscrevem o “tempo” no interior das suas preocupações hermenêuticas, elas pretendem, consciente ou inconscientemente, estabelecer uma percepção justa da função predicativa que esse operador tem na obra. Mas não basta ficarmos por esta apreensão, insistindo nessa sua configuração que comporta disfunções, falhas, lapsos e pontos opacos. É necessário, pois, admitir que o que lhe subjaz é um tópico virgiliano, o do *tempus fugit*.

Mas mesmo isto não basta; é necessário admitir – é esse o objectivo deste ensaio – que ler *tempus fugit*, em Vergílio Ferreira, equivale a aceitar o desafio de dizer que a sua concretização obedece a três decisões simultâneas: a histórica, a hermenêutica e a poética, entendidas como decisões de uma inteligência responsável, de uma apreensão activa. Diríamos que Vergílio Ferreira investiu o seu próprio ser no processo de interpretação, não resultando sua leitura, sua apresentação

de sentidos e valores de uma observação exterior, mas do assumir de um risco, uma resposta que é, no sentido mais profundo, responsável. A noção de responsabilidade que aqui utilizo agrega a da resposta interpretativa que surge da exigência de actualização do sentido. Por isso, o tópico virgiliano do *tempus fugit* manifesta-se em *Em Nome da Terra*, enquanto trabalho que é a sua própria mostração/enunciação.

É neste quadro que este ensaio procurará o tópico do *tempus fugit*, assinaladamente nos gestos que o inscrevem e o mostram na sua enunciação.

Antes de tudo, importa dizer, desde já, que esses gestos se movimentam em três trajectórias que significam: trajectória genológica (resistência), metafórica (dialéctica do bem e do mal), ética (relações entre identidade e diferença). Aliás, este ensaio propõe-se explicitar as implicações desta tripla responsabilidade criadora.

Recordemos a natureza do tópico virgiliano, na sua complexidade multifacetada, recuando ao mito de Crono. Ora, a primeira constatação que interessa fazer é que as concretizações de Crono são múltiplas, sendo a metamorfose uma das suas marcas fundamentais. Outrossim, o tópico vergiliano é já, em si, efeito de uma leitura, a sua. Basicamente, podem-se contar com três grandes corporalizações suas: uma de índole iconográfica, outra de dimensão literária, e uma terceira de afirmação filosófica.

De facto, até se chegar às Geórgicas de Virgílio longo caminho fora percorrido. Se não, vejamos: o mais remoto discurso iconográfico do Ocidente retrata Crono bicéfalo. Na teogonia órfica, duas cabeças (uma de um touro, outra de um leão) confundem-se, sob uma mesma figuração. O corpo que as sustenta assimila progressivamente os contornos de uma serpente enrolada sobre si mesma – ambiguidade sintomática que, no imaginário grego, transcorre do plano mitopoético para o plano simbólico-evocativo.

A formulação órfica integra-se espontaneamente numa nova formulação que a adapta, a de Hesíodo. Aqui irrompe um Crono de duplo aspecto. Em *Teogonia*, surge temível e implacável (visto que muito posteriormente dirigiria Goya). Em *Os Trabalhos e os Dias*, vimo-lo a velar pela raça do ouro.

Um pouco mais tarde, mais exactamente em *Olímpicas XI* de Píndaro, consagra-se à sua magnificência, tornando-o um mito que de cosmogónico passa a escatológico. Platão, por seu turno, faria avançar este movimento, quando em *As Leis* mostra Crono como legislador prudente que, para evitar o despotismo inerente aos homens de Poder, decide confiar a gestão das cidades a seres de uma raça superior e mais divina, alegoria que rapidamente instituiria em Crono o perfil utópico.

Em suma, na mitologia aqueia, o advento de Crono é o advento da paz, porque é ordem, disposição, lei (Crono aniquila Caos, o universo confuso da criação “fora do tempo”), mas, simultaneamente, é destruição e morte das coisas e da ordem que ele mesmo fomentou. Terrível e desvairado na sua dupla natureza, Crono acabou por ser vencido por Zeus. Ou seja, Crono institui o tempo, a ordem. Zeus vence Crono, vence o tempo, com ajuda da sua mãe Ctónia – ambígua figura da obscura e fecundante presença vital do feminino –, impondo uma ordem cósmica arredado da brusca e irracional alternância saturnina e violência destrutiva.

A temporalidade, como se vê, fora já instituída pelo Saber grego como Destino, como Necessidade absoluta e apriorística não do Ser, mas em relação ao Ser, que é por ela condicionada sem qualquer oportunidade de retorno.

Aliás, o tempo assim entendido não é a epifania do Ser, nem a sua Necessidade. O Tempo É. Fora e contra a erosão do transcourir do tempo (da sua fuga), apenas é possível e necessário captar o sentido das coisas, mostrando-o. É exactamente isso que *Em Nome da Terra* de Vergílio Ferreira sugere.

Todavia, se a poesia didáctica em verso é a verdade *poiética* do tópico *tempus fugit*, a sua afirmação em ficção narrativa da nossa contemporaneidade (género romanesco) não será um equívoco?

Colocar esta questão pressupõe que nos interroguemos sobre o lado da implicação hermenêutica da noção de concretização, porquanto *tempus fugit* em *Em Nome da Terra* resulta, a meu ver, de uma leitura de Crono que o condenara à semanticidade da recepção. Porque, como se sabe, pelo simples facto de compreender, compreende-se quase sempre de outro modo.

Estamos aqui muito claramente no terreno da capacidade mostrativa de Crono pelo trabalho da linguagem experimentado por Vergílio Ferreira, capacidade mostrativa essa que integra, no seu horizonte, a consciência de que o género romanesco é afectado por um certo tipo de suspeição que, mais alargadamente, ostenta um certo tipo de trabalho de índole retórica, poética e mesmo estética, exigindo, por conseguinte, uma morfologia e uma sintaxe nova em relação ao mito em si. Por essa razão, a obra é acompanhada, na anteportada, do subtítulo “Romance”.

Efectivamente, não se prescinde de afirmar esse subtítulo, indicador genológico, como uma necessidade, pois que permite a instauração de uma situação narrativa, em que o narrador recorre exclusivamente aos sedimentos da memória para recordar, perante a esposa, poética e retoricamente interessada na situação, mas fisicamente ausente, as atribulações da vida passada. Dentro desta situação narrativa, a esposa (a esposa chama-se Mónica) define-se como saber desse narrador em relação ao passado, uma espécie de matéria concreta e finita que será infinitizada. Obviamente que Mónica pode ser lida como um álibi de boa consciência do narrador que, desta forma, também se define simultaneamente como narratário, reunindo em si todos os protagonistas da relação narrativa. Assim, gera-se uma relatividade interdiscursiva, porquanto a enunciação se torna triplamente constitutiva, designadamente da entidade que enuncia, do outro que ele reclama como interlocutor efectivo ou imaginário e de um outro que testemunha essa relação dialógica.

O que quero aqui arguir é que, subjacente à situação narrativa assim instaurada, há a indispensabilidade de se manter junto da voz autoral o fascínio da ambiguidade, sendo este deslumbramento uma estratégia directa para criar o contexto alargado de afirmação alegórica de Crono, através do tópico *tempus fugit*. Deste ponto de vista, é possível afirmar que a voz autoral que legitima Crono já não o faz em termos representativos. Pelo contrário, configura-o de modo identificante capaz de se metamorfosear no que lhe é contingente. E o que é contingente a Crono é o tempo.

Em função de tudo isto, *Em Nome da Terra* pode facilmente integrar-se em obras cujo fundamento repousa na demanda do Ser

em busca do seu Destino e do sentido da vida. Assim, o estrato mítico de Crono seria, nessa obra, a procura de raízes da natureza humana, procura que reconhece o contributo de elementos pré-conscientes na sua estruturação como Homem. E só uma relação total entre o *tempo que foge* e a consciência individual, entre o passado e o presente, entre o colectivo e o indivíduo, entre o homem e a mulher permitirá ao Homem encontrar-se como Ser mais livre e completo. Quer isto dizer que, em *Em Nome da Terra*, as particularidades de Crono da época arcaica se diluiriam para apenas deixar entrever o vulto do que lhe é adjacente: o tempo e a morte. Crono deixa assim de ser um discurso paralelo ou separado do Ser, metalinguagem exterior à sua linguagem, tornando-se memória das coisas inconsistentes que a voz autoral capta como tal, pela Palavra, quando elas fogem.

Deste modo, a gestualidade técnica que diz Crono e *tempus fugit* em *Em Nome da Terra*, articula, em primeiro lugar, a sua concretização com o plurivocalismo, particularmente por eleger a entidade feminina como ponto de divergência de duas vozes e dois olhares que se espreitam cautelosos, na aspiração de um destino comum.

Mas essa gestualidade técnica, por se constituir na memória, levanta um outro problema: o do narrador (que pertence ao tempo do discurso) com ele próprio, enquanto personagem (pertença do tempo da história). O olhar ingénuo desta pode corresponder, por vezes, ao olhar informado, transfigurado e transfigurador daquele que escreve. Em termos técnicos, poderíamos afirmar que a personagem é o eu-narrado do seu próprio discurso (não o “eu-narrante”), o que consente uma espécie de montagem de um discurso a duas vozes, segundo uma técnica de subjectividade, e reflectindo os dados da história quer a nível visual, físico, externo, quer a nível memorativo, psicológico, interno.

Este duplo movimento de o Ser se expor como enunciado constrói um itinerário: o da poética que o veicula. Trata-se de ler Crono como *tempus fugit*, quer dizer como um corpo físico que o tempo fustiga e corrompe, mas que se constrói na Palavra, trabalho de descoberta de um objecto que resiste a ser dito. Crono é *tempus fugit*, existindo e confundindo-se com o Ser. Para se escrever sobre essa fronteira

ou intersecção, inferimo-lo já, é necessário abordá-la nos seus aspectos contingentes. As personagens João e Mónica configuram os traços dessa contingência.

O que, entretanto, complexifica ainda mais o conjunto de questões levantadas por esses aspectos contingentes é a temática que a epígrafe, adiantadamente, ostenta. Dizer como a epígrafe diz *Hoc est corpus meum* (Mateus, XXVI, 26) é articular, já *ab initio*, as questões do corpo, da comunicação e da presença, articulação que simultaneamente exhibe esse corpo e a memória que lhe está associada como devoradores metafóricos, metonímicos e alegóricos do distante mas omnipresente Crono.

A admissão de toda esta complexidade equivale a reconhecer ainda que *Em Nome da Terra* se define como relato escrito que estrutura retoricamente os limites do corpo, a sua finitude, a sua quase não-narrabilidade, contra o início, isto é, a sua perfeição, o que conduz, paradoxalmente, ao desejo de historicidade.

Este estado de coisas desenha uma perturbação hermenêutica ou uma desistência no gesto de compreender Crono, como narração primordial. Por conseguinte, o movimento de escrita de *Em Nome da Terra* é uma deslocação que liberta o tempo, procurando-o no corpo de Mónica, corpo feminino que é, conjuntamente, um corpo andrógino.

Não se trata de, depois de ter conquistado a historicidade do presente, tornar agora o corpo um simulacro, mas sim de compreender que o acontecer do tempo é sobretudo o acontecer no espaço-corpo feminino, cuja exterioridade é verbalizável pela memória. Ora, a memória é também ela eminentemente temporal, pois é um signo que se manifesta no tempo, sendo, sim, um simulacro tridimensional, porquanto faz alusão a um espaço ético. Mostrar-se atento perante o tempo equivale a mostrar-se digno, ser parte integrante do ciclo ateológico do mundo. Helena Carvalhão Buescu aborda com acuidade esta problemática, quando defende que, em *Em Nome da Terra*, a memória manifestar-se-ia enquanto termo comum apropriado para operar a passagem da finitude do corpo para a transitividade da comunicação.

De uma não muito diferente perspectiva, adiríamos que *Em Nome da Terra* faz-se como se procurasse reconciliar o homem com a natureza desse tempo de que é parte também diferente, porque parte verbalizante desse acontecer silencioso que é o mundo. Aliás, reconhecer tal desígnio é aceitar a sua figuração concomitante como alegoria de um corpo social e como corpo verbal, no sentido de vivências reconstruídas pela memória e ditas por palavras escritas.

De facto, a personagem Mónica, na primeira vez que faz uso da voz (“E disseste-me tu não estás no teu juízo”) (Goulart, 1990: 10), diz do tempo, tempo que o corpo dela pressente e cataloga, tempo que sendo dela se dissente do tempo do João, tempo másculo, tempo frequentativo e quantitativo. Para além disso, quando, no corpo do narrador, se começam a inscrever, fragmentariamente, o sinal da erosão provocado pelo tempo, o pictórico manifesta-se sobre o verbal. Com este gesto, a escrita que concretiza Crono assume a sua resistência a ser dito por interposto modo verbal. Neste caso, a ostentação de Dürer e da sua *Melancolia* configura, justamente, essa percepção que convida a que se desista do verbal, como se houvesse uma compulsão à escrita sobre aquilo mesmo, em relação ao que se deveria manter silêncio.

Mas, em *Em Nome da Terra*, a *Melancolia* deve ser tomada identicamente como um movimento retórico forte que consuma, “ekfrasticamente”, a justaposição do Tempo silencioso e da Palavra escrita. Quando, por exemplo, o narrador diz de si e de Mónica que “vão sendo horas enfim de descermos ao rio” (Goulart, 1990: 294) mostra, precisamente, o desdobramento que é a possibilidade radicalmente inscrita no uso da linguagem e que, também por isso, legitima o texto como corpo/memória que procede à castração do presente, permitindo a abertura à eternidade. Os dois corpos, corpo textual e humano, afirmar-se-iam como lugar de trânsito, e enquanto tal, em permanente transgressão do movimento que os engendra.

Um outro aspecto importante no movimento da escrita de Vergílio Ferreira, em *Em Nome da Terra*, é o da maneira como nela perpassa a fenomenologia do sofrimento.

Vimos já que o Tempo surge, nessa obra, como força implacável que destrói o corpo e também o intelecto, embora todo o carrossel

do intelecto atrás dele se organize, por ser transversal ao intelecto a suscitação a uma realidade transcendente, por suspeita do material imanente que é o *tempus fugit*, em si. E, por se perspectivar sobretudo a partir do corpo feminino e da sua circunstância, *tempus fugit* é a integração desse corpo no grande corpo físico da natureza.

Invocável, portanto, no *Hoc est corpus meum* ou recitável no percurso de quem diz “eu” no texto, o *tempus fugit* constitui-se como uma interrogação aberta que, partindo do corpo ontológico, reconstitui-se em corpo epistémico. *Hoc* comporta um movimento, uma dimensão que progride factualmente para a putrefacção, mas *hoc est corpus* encerra já um gesto de denominação. Neste mesmo sentido, pode-se entender que o gesto de predicação de *hoc* é a inscrição do *corpus* no tempo, a sua degradação incoativa. Com tudo isso queremos sublinhar que *Em Nome da Terra* existe para deixar três lições (algumas de índole fenomenológico) reconciliadoras do *homo intellectualis* e do homem que apenas se encontra num determinado ponto de uma procissão, que é o *tempus fugit*, isto é, fluir incessante do tempo: em primeiro lugar, a verdadeira individualidade das coisas e dos seres escapa-nos; em segundo lugar, o acesso à individualidade total do mundo exterior far-se-á por um desenraizamento natural; em terceiro e definitivo lugar, só a arte pode visar o individual.

Bibliografia

- BARLETTA, Giuseppe, (1992), *Chronos: Figure Filosofiche del Tempo*, Bari, Edizioni Dédalo.
- BUESCU, Helena Carvalhão, (1993), “Do Corpo e da Memória”, em: Vergílio Ferreira (ed.), *Cinquenta Anos de Vida Literária, Actas do Colóquio Interdisciplinar*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 129-137.
- COELHO, J. Prado, (1976), “Uma narrativa à beira do intemporal”, apud *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Bertrand, pp. 283-288.
- COUPE, Laurence, (1997), *Myth*, London, Routledge.
- FERREIRA, Vergílio, (1990), *Em Nome da Terra*, Lisboa, Bertrand, 3ª ed.

- FONSECA, Fernanda Irene da, (1992), *Vergílio Ferreira: A Celebração da Palavra*, Coimbra, Almedina.
- GODINHO, Helder, (1985), *O Universo Imaginário de Vergílio Ferreira*, Lisboa, INEC.
- GODINHO, Helder, (1982), *O Mito e o Estilo*, Lisboa, Presença.
- GOULART, Rosa Maria, (1990), *Romance Lírico: O Percurso de Vergílio Ferreira*, Lisboa, Bertrand.
- HESÍODO, (1979), *Théogonie*, Paris, Les Belles Lettres.
- INGARDEN, Roman, (1979), *A Obra de Arte Literária*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- JANKELEVITCH, Vladimir, (1977), *La Mort*, Paris, Flammarion.
- JAUSS, H. Robert, (1978), *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard.
- MINOR, Vernon Hyde, (1994), *Art History's History*, New York, Prentice Hall.
- PANOWSKY, Erwin, (1971), *The Life and Art of Albrecht Dürer*, Princeton, Princeton U. Press.
- PINDARE, (1979), *Olympiques*, Paris, Les Belles Lettres.
- PRIGOGINE, Ilya, (1990), “Nell’ enigma del Tempo”, em: *Leggere*, nº 17, pp. 82-106..
- RIFFATERRE, Michel, (1994), “L’illusion d’ekphrasis”, em: Gisèle Mathieu-Castellani, *La Pensée de l’image – signification et figuration dans le texte et dans la peinture. L’ Imaginaire du texte*, Vincennes, Press Universitaires de Vincennes, pp. 211-229.
- SEIXO, Maria Alzira, (1986), *Para um estudo da expressão do tempo no romance português contemporâneo*, Lisboa, IN-CM, 2ª ed.
- SOREL, Reynal, (1995), *As Cosmogonias Gregas*, Lisboa, Publ. Europa América.
- VIRGÍLIO, (1867), *As Geórgicas de Virgílio*, tradução de António Feliciano de Castilho, Paris, Typ. Ad. Lainé e J. Havard.